

# Bandas Civas no Terceiro Quartel do Século xx: Estudo de Casos com as Bandas de Quatro Concelhos

> BRUNO MADUREIRA

<https://orcid.org/0000-0001-8385-4447>

Instituição: Universidade de Coimbra

Orientadores: Paulo Estudante e Maria Fernanda Rollo

Data da defesa: 12 de junho de 2020

## Objetivos e metodologia

Inscrito no domínio da musicologia histórica, o objetivo geral deste estudo é compreender a realidade das filarmónicas, particularmente dos concelhos de Cinfães, Águeda, Fundão e Oeiras, no decorrer do terceiro quartel do século xx. Como objetivos específicos estabelecemos os seguintes: Conhecer e interpretar a disponibilidade de recursos humanos das bandas civis; Compreender a sua situação financeira e o paradigma organizacional; Reconhecer o modelo e outros aspetos organológicos; Assimilar o protótipo do funcionamento das escolas de música, bem como o tipo de formação musical proporcionado aos aprendizes; Perceber o grau de aceitação das filarmónicas nas respetivas localidades. Instituímos também alguns objetivos subordinados aos anteriores, designadamente: Reconhecer os compositores, as características e a classificação do repertório musical, compreendendo eventuais diferenças entre bandas de zonas distintas; Compreender e distinguir divergências entre bandas de regiões distintas, nomeadamente, de Cinfães, Águeda, Fundão e Oeiras; Descortinar eventos e iniciativas ligadas à atividade das bandas levadas avante no período em consideração; Verificar se, as filarmónicas mutaram significativamente em comparação com os anos trinta e quarenta, ou se, pelo contrário, estagnaram. Com esta investigação pretendemos igualmente obter contributos a fim de esclarecer conceitos utilizados para definir agrupamentos musicais constituídos por instrumentos de sopro, com ou sem percussão; traçar o percurso histórico das bandas em Portugal, até à década de 1980; saber qual o diapasão de afinação referencial nas bandas; descortinar os contextos performativos das bandas em Portugal e conhecer as suas

formas de atuação (ao ar livre ou em sala; desfile ou concerto; ambientes populares ou formais), bem como a disposição espacial em atuação.

A realização deste estudo obedeceu à metodologia comum numa investigação científica: recolha de dados (heurística), sua crítica e interpretação (hermenêutica) e, por fim, o trabalho de síntese. Envolveu, numa primeira fase, a pesquisa de fontes históricas e historiográficas, escritas e orais, e, numa segunda fase, a sua organização, tratamento e seleção dos elementos a utilizar. Por último, a redação do estudo. A pesquisa de documentação foi efetuada num conjunto diversificado de bibliotecas, centros de documentação e arquivos, públicos e privados. A investigação abarcou igualmente espólios musicais particulares (as coleções privadas de pessoas ligadas às filarmónicas estudadas foram uma inestimável ajuda, nomeadamente, as fotografias das bandas), bem como os arquivos das bandas civis incluídas no nosso Estudo de Casos que, frequentemente, guardam documentos únicos relativos ao seu pretérito. Entretanto, inventariamos o espólio do maestro Manuel da Silva Dionísio, o qual se revelou uma fonte imprescindível para o estudo das bandas, civis e militares, no século xx. A análise de periódicos, incluindo regionais, também constituiu um bom auxiliar de pesquisa.

A metodologia – multifacetada – evoluiu com o desenvolvimento do processo empírico, pois o leque de instrumentos de investigação foi alargado à medida que o trabalho se desenvolveu e outras estratégias foram utilizadas. Assim, após uma metodologia de trabalho baseada, sobretudo, em pesquisa de arquivos, foi iniciado o estudo e a prática da metodologia da história oral através da recolha, análise e interpretação de entrevistas.

Contrariamente ao que sucede nas bandas militares, cuja história se encontra bem documentada em espólios e arquivos, o estudo das congéneres civis é deveras dificultado pela escassez, inexistência ou dispersão de documentação. Esse fenómeno de escassez e dispersão de fontes documentais foi uma das razões que nos levou a recorrer à História Oral, uma metodologia para a obtenção de dados assente na realização de entrevistas com vista a adquirir informação que complementasse a parca informação material disponível, de forma a responder às nossas questões. Acresce que, estando vivos parte dos protagonistas da história recente das filarmónicas, foi importante clarificar factos, embora sempre numa perspetiva de cruzamento de dados, entre si e com as fontes documentais acedidas. As entrevistas foram realizadas a trinta e quatro músicos que integraram as dezasseis bandas civis do nosso estudo, no terceiro quarto do século xx, e obedeceram a um guião semiestruturado, a fim de dar aos entrevistados a oportunidade de se exprimir livremente, garantindo assim uma riqueza discursiva.

Para a efetuação desta pesquisa foi essencial a inclusão de um estudo de casos com filarmónicas de regiões distintas uma vez que, num país com várias centenas destes agrupamentos musicais, seria utópico incluir a sua totalidade. A aplicação de

um estudo centrado em filarmónicas de diferentes regiões geográficas do país (norte, centro e sul) permitiu a consideração de distintas realidades dessa prática musical, embora com afinidades entre elas. Evidentemente, este estudo de caso coletivo – com dezasseis bandas – não é exemplificativo das centenas de filarmónicas existentes no país e muito menos válida uma realidade generalizada das bandas civis em Portugal. Todavia, tem semelhanças e paralelismos comuns a outros casos, particularmente, aqueles próximos das regiões estudadas, o que nos leva a sustentar que este estudo é igualmente significativo para a compreensão da história das bandas em Portugal, particularmente, entre as décadas de 1950 e 1970.

## **Estrutura**

A estrutura da presente tese compreende duas partes. A primeira, constituída por 3 capítulos, pretende proporcionar uma visão de conjunto da história das bandas em Portugal até à década de 1980. Inclui uma secção onde explanamos denominações utilizadas para designar distintos agrupamentos musicais de sopro, particularmente do vocábulo banda, sobre o qual comprovámos uma grande indeterminação e abrangência na sua utilização. A ampliação do recorte temporal em cerca de uma década e meia proposta no capítulo 3 justifica-se pelas importantes transformações ocorridas nas bandas ao longo daquele período, amplamente realçadas pelos nossos interlocutores, que consideram aquela a fase de revitalização das filarmónicas.

A segunda parte, com 2 capítulos, consta num Estudo de Casos com as bandas de quatro concelhos. Especificamente no quarto propomos uma caracterização e contextualização histórica do campo de estudo: os quatro municípios e respetivas bandas civis. Não obstante algumas afinidades, são evidentes as dissemelhanças entre os quatro. O cerne da presente investigação concentra-se no capítulo 5, o qual apresenta um estudo desses agrupamentos no decorrer do terceiro quarto do século xx, particularmente nos concelhos de Cinfães, Águeda, Fundão e Oeiras.

## **Conclusões**

Numa época de mutações a vários níveis no mundo ocidental, e em particular em Portugal, é interessante notar que as filarmónicas não parecem inovar face ao período antecessor, nomeadamente, ao nível dos recursos humanos, da situação financeira e paradigma organizacional, do instrumentário e outros bens materiais, assim como do tipo de ensino praticado. O estilo dos uniformes, as práticas performativas e o género de reportório musical interpretado também permaneceram inalterados. Nesta linha de pensamento podemos concluir que o terceiro quartel do século xx foi um período pouco dinâmico para o movimento filarmónico português – de proporções diferentes entre regiões – ou, até mesmo, de declínio, se tivermos em conta as dezenas de bandas civis

reduzidas de elementos ou cessadas. Apesar de as filarmónicas não acompanharem o ritmo de transformação acelerado que caracterizou a sociedade portuguesa, foi possível verificar que a sua atividade foi influenciada pela complexa conjuntura política, económica, demográfica, social e cultural do país, e pelos fenómenos daí subjacentes, que afetaram sobretudo os recursos humanos, fomentando a redução de elementos ou o término definitivo ou temporário de algumas bandas. O estudo dos casos que analisamos mais aprofundadamente corrobora esta situação: seis das dezasseis bandas abordadas foram extintas.

No referente aos cinco objetivos específicos expostos na introdução, podemos enumerar várias questões importantes que aferimos:

I. A disponibilidade de recursos humanos nas bandas foi influenciada pelo afastamento dos músicos e / ou pela dificuldade de captar aprendizes. Para a primeira razão contribuíram sobretudo os fenómenos da emigração de músicos e da mobilização para a Guerra Colonial. Ambos tiveram uma relevância desigual consoante as bandas e as regiões, embora seja possível esboçar o seguinte: A emigração teve especial relevo nos meios rurais do norte e centro do país, as regiões onde o impacto terá sido maior; A mobilização de músicos para a Guerra Colonial teve um impacto menor na atividade das filarmónicas porque, além de se prolongar por um período de tempo inferior, apenas foram mobilizados para o conflito os jovens em idade de recrutamento. Em 1971, quase duas centenas de bandas portuguesas referiram a mobilização de músicos para a guerra colonial como lesiva ao seu funcionamento; A dificuldade de captação de aprendizes foi factual na esmagadora maioria das bandas civis e transversal às dezasseis do nosso estudo. Os múltiplos fatores associados ao crescimento económico, ao consumo, a novos hábitos adquiridos e às mudanças de mentalidades enquadrados nas transformações sociais, económicas, culturais e demográficas, ocorridas no seio da sociedade portuguesa entre as décadas de cinquenta e setenta determinaram ou acentuaram a dificuldade em recrutar aprendizes para as filarmónicas, designadamente, o aparecimento de alternativas de entretenimento apelativas aos jovens (incluindo atividades desportivas), as novas preferências musicais dos jovens por géneros então considerados modernos, a disseminação de aparelhagens sonoras e de conjuntos musicais concorrentes das bandas ou o advento da televisão. Estes fatores tiveram maior relevância nas zonas urbanas; A dificuldade em recrutar músicos nas filarmónicas tem outras explicações: o método desmotivante de formação musical proporcionado aos aprendizes, a não identificação sentida pelos potenciais aprendizes (de tenra idade) com os executantes das bandas (maioritariamente adultos) e muito menos com a tipologia de repertório interpretado e as atividades desenvolvidas ou ainda a indisponibilidade de instrumentos musicais para ceder aos aprendizes. Fundamentalmente, as bandas civis não proporcionaram às crianças e jovens incentivos ou contrapartidas para a sua participação, mantendo-se estáticas no tempo face ao desenvolvimento acelerado

da sociedade; Ainda acerca desta matéria demonstramos a exclusividade de executantes do sexo masculino e a elevada média etária dos músicos. Os elementos das filarmónicas pertenciam, essencialmente, a estratos socioeconómicos mais desfavorecidos da população e laboravam maioritariamente na agricultura e, embora em menor número, nos serviços. Finalmente, no quarto de século em consideração é constatável, não só a extinção de inúmeras filarmónicas, como a criação de um número residual delas.

II. A análise das condições financeiras das bandas civis é outro objetivo específico da nossa tese. Salientamos as seguintes conclusões: As debilidades financeiras foram extensivas à maioria das bandas do país e transversais às dezasseis do nosso estudo. Fruto sobretudo da desproporção entre receitas e despesas, dificultaram a manutenção de atividade de algumas bandas; O principal rendimento das bandas civis das regiões norte e centro foi o valor obtido na participação em serviços religiosos. No sul evidenciaram-se as quotizações e os donativos. A maioria das bandas não beneficiou de apoios públicos, quer do poder local, quer do central, e as poucas que usufruíram foram auxílios residuais e não sistemáticos; As despesas mais significativas foram a remuneração do regente e a aquisição e reparação de instrumentos musicais e fardamentos. O pagamento aos músicos foi outra despesa relevante, à exceção das bandas do sul, onde estes geralmente não eram remunerados; As dificuldades financeiras das bandas dificultaram a aquisição e a renovação de diverso tipo de material, a construção de uma sede ou sala de ensaio com condições dignas ou a contratação de um maestro músico profissional; No âmbito do suporte financeiro devemos ter em linha de conta a seguinte ideia: na Regeneração e na 1ª República as bandas tiveram como suportes e patrocinadores os párocos, professores primários, proprietários abastados e, sobretudo, as elites políticas locais; no pós 25 de Abril de 1974 e, principalmente na década seguinte, esse papel coube ao poder local e a alguns mecenas; no período em estudo, houve uma espécie de vazio nesse sentido, portanto, faltou às filarmónicas quem as amparasse e contribuisse para a sua estabilidade financeira. Este fenómeno não foi alheio a uma época de letargia nas bandas portuguesas.

III. Reconhecer o modelo e outros aspetos organológicos das bandas é um dos objetivos específicos mencionados na introdução desta tese. Face à incapacidade financeira de o renovar ou consertar, o instrumental das filarmónicas – quer a nível nacional, quer das dezasseis consideradas no nosso Estudo de Casos – era pouco variado e o estado de conservação oscilou entre o mau e o razoável, além de ser maioritariamente insuficiente; O paradigma instrumental mais comum nas bandas civis portuguesas, e em particular nas de Cinfães, Águeda, Fundão e Oeiras, consistiu em flautim, clarinete requinta, clarinetes soprano a três partes, saxofones (alto, tenor e, por vezes, soprano e barítono), cornetins ou trompetes, fliscornes, clavicornes ou saxtrompas alto a duas partes, trombones de pistões a duas partes, barítono ou

bombardino, contrabaixo e percussão (geralmente caixa, bombo e pratos). Portanto, um modelo sem inovações, pois era usual nas bandas civis desde finais do século XIX. Este modelo organológico limitado era fruto do elevado custo dos instrumentos, da sua dificuldade de aprendizagem e da ausência de formadores qualificados para o seu ensino; Esta tipologia de instrumentação, tal como a disposição espacial no coreto, manteve-se homogêneo e sem alterações significativas ao longo de todo o terceiro quartel do século xx, sendo a inexistência de flauta, oboé, fagote, clarinete baixo, trompa e tuba comum nas bandas da época, tal como a existência de um naipe de percussão constituído unicamente por caixa, bombo e pratos. A utilização de trombones de pistões, em vez de varas, foi habitual, tal como o uso de clarinete ou de saxtrompa, em vez da trompa. Embora algumas filarmónicas do nosso estudo os possuíssem, o flautim e o saxofone barítono estavam frequentemente ausentes; O modelo de instrumentação relatado obstruiu a possibilidade de interpretação de parte do repertório editado e escrito originalmente para banda, sobretudo de editoras estrangeiras, que exigia instrumentações mais completas, nomeadamente a inclusão de vários instrumentos ausentes nas bandas. Desse repertório destacamos os arranjos de temas latino-americanos e anglo-saxónicos que exigiam sobretudo um naipe de percussão muito além dos três habituais. Naturalmente, os problemas instrumentais afetaram a performance musical e, por conseguinte, contribuíram para a inércia de algumas bandas; Face aos constrangimentos financeiros, a maioria das filarmónicas utilizou os diapasões de afinação brilhante e normal em simultâneo, um erro crasso, também prejudicial ao desempenho artístico. Somente na década de oitenta a maioria das bandas finalizou a substituição dos diapasões de afinação.

IV. Com base nas fontes discutidas nesta tese parece assente que a formação musical dos elementos das filarmónicas era maioritariamente rudimentar e limitadora, uma consequência do mesmo problema nos formadores. Corroboramos outras conclusões: A inexistência de um espaço físico organizado para o ensino, o que levou a que os alunos tivessem de se deslocar a casa ou ao local de trabalho dos formadores para lhes serem ministrados ensinamentos musicais; A aplicação de um método de ensino desajustado e sem metodologia foi, igualmente, transversal às bandas consideradas: início com o treino exclusivo do solfejo – sem entoar melodias – seguido da prática no instrumento. Nesta segunda fase, após o treino de escalas, arpejos e alguns excertos do repertório musical da banda, os aprendizes eram incluídos no grupo. Um exercício crucial como a entoação de melodias era, geralmente, negligenciado. Não tivemos conhecimento de quaisquer outras bandas com um método diferente do apresentado; Aos aprendizes era proporcionado um ensino informal, facultado por um membro da banda, geralmente o regente, que era responsável pelo ensinamento de todos os instrumentos. Note-se a impossibilidade de um único formador ensinar devidamente todos os instrumentos musicais existentes na banda; O elevado número de desistências durante a aprendizagem contrastou

com a quantidade significativa de crianças que principiava a aprendizagem musical, isto porque, a maioria desistiu antes do ingresso na banda. Este fenómeno pode ser visto como uma das consequências do inadequado, desmotivante e, nalguns casos, demasiado longo processo de ensinamento;

V. O grau de aceitação das filarmónicas nas respetivas localidades é outro dos objetivos específicos definidos para esta investigação. Comprovámos que foi heterogéneo entre elas, embora tenha sido bom na maioria, sobretudo nas regiões rurais (quase todo o país), com certeza devido ao facto de as bandas serem com frequência o único meio recreativo e lúdico naquelas regiões. No nosso Estudo de Casos foi bom nas filarmónicas de Cinfães, Fundão e em algumas de Águeda e Oeiras.

Os dados obtidos neste estudo permitiram-nos alcançar outras conclusões, designadamente, quanto ao repertório musical interpretado, que consideramos pobre e desatualizado. Este consistia sobretudo em transcrições de obras escritas originalmente para orquestra, maioritariamente de autores estrangeiros (como aberturas, poemas sinfónicos e seleções de ópera ou zarzuela), marchas (de rua, de concerto, de procissão, fúnebre e hinos), fantasias e arranjos de música popular (incluindo géneros dançantes originários de outros países, como a valsa e a polca), embora sejam constatáveis dissemelhanças de região para região. Em algumas zonas do norte, como Cinfães, e do litoral, como Carnaxide, por exemplo, era habitual a interpretação de transcrições de obras orquestrais, enquanto nalgumas regiões do interior norte e centro, como o Fundão, eram mais frequentes os arranjos de música popular portuguesa.

Refira-se ainda que a principal atividade performativa das filarmónicas das regiões norte e centro do país (como as de Cinfães, Águeda e Fundão) foi a participação nas atividades inerentes a uma festa religiosa católica, designadamente, arruadas, missas, procissões e concertos, formas de atuação ao ar livre e em ambientes populares, cujo principal espaço performativo era o coreto. No sul do país, incluindo em Carnaxide e na Amadora, evidenciaram-se os concertos e arruadas, inseridos em intercâmbios de filarmónicas. Nenhuma das filarmónicas do nosso estudo participou em eventos tauromáquicos, uma atividade usual no sul e parte do centro do país.

Tendo em conta as matérias que ficaram por tratar e as que foram tratadas de uma forma assumidamente insuficiente, seria de todo o interesse futuros trabalhos de investigação estudarem questões como a relação do Estado Novo com as filarmónicas, a tipologia e diversidade do repertório interpretado, os habituais espaços de performance, o estudo de bandas de outras regiões ou até de períodos cronológicos antecedentes ou posteriores. A revitalização das bandas, ocorrida após o 25 de Abril de 1974, e o fenómeno das bandas fundadas por imigrantes portugueses no Brasil, nos EUA, em França e noutros países que os receberam, são seguramente temáticas de importância vital a ter em conta em investigações futuras. Finalmente, considerando o interesse e as possibilidades da história comparada, seria de todo o interesse conduzir estudos comparativos com bandas civis de outros países, sobretudo no espaço ibérico.

## Índice de conteúdos

### Introdução

### Parte I: Perspectiva nacional

#### Capítulo 1: Bandas de música, antecedentes e congéneres até meados do século xx

- 1.1. Para uma conceptualização de agrupamentos musicais de sopro na cultura ocidental
- 1.2. Música para sopros até à Revolução Liberal em Portugal: antecedentes das bandas
- 1.3. A banda de música no quadro do Liberalismo e da 1ª República
- 1.4. A banda de música entre a Ditadura Militar e meados da centúria vigésima
- 1.5. Síntese conclusiva

#### Capítulo 2: Bandas civis em Portugal no terceiro quartel do século xx

- 2.1. Contextualização política, económica, social e cultural
- 2.2. A disponibilidade de recursos humanos
- 2.3. A condição financeira e o paradigma organizacional
- 2.4. A organologia
- 2.5. O modelo de ensino musical
- 2.6. A aceitação local
- 2.7. Reportório e compositores
- 2.8. Eventos e iniciativas
- 2.9. Síntese conclusiva

#### Capítulo 3: Bandas civil entre o 25 de abril de 1974 e o final da década de oitenta

- 3.1. O novo contexto político, económico, social e cultural
- 3.2. A disponibilidade de recursos humanos
- 3.3. A nova condição financeira e a oficialização
- 3.4. Os instrumentos musicais e as instalações
- 3.5. A formação musical de instrumentistas e regentes
- 3.6. Compositores e música para banda
- 3.7. Iniciativas, instituições e personalidades
- 3.8. Síntese conclusiva



## Parte II: Estudo de casos

### Capítulo 4: As bandas dos concelhos de Cinfães, Águeda, Fundão e Oeiras até meados do século xx

- 4.1. O Estudo de Casos: apresentação justificativa
- 4.2. Caracterização do concelho de Cinfães
  - 4.2.1. O movimento filarmónico em Cinfães até meados do século XX
- 4.3. Caracterização do concelho de Águeda
  - 4.3.1. O movimento filarmónico em Águeda até meados do século XX
- 4.4. Caracterização do concelho do Fundão
  - 4.4.1. O movimento filarmónico no Fundão até meados do século XX
- 4.5. Caracterização do concelho de Oeiras
  - 4.5.1. O movimento filarmónico em Oeiras até meados do século XX
- 4.6. Síntese conclusiva

### Capítulo 5: Bandas civis dos concelhos de Cinfães, Águeda, Fundão e Oeiras no terceiro quartel do século xx

- 5.1. Fenómenos potencialmente influentes na atividade das bandas civis
- 5.2. Bandas civis do concelho de Cinfães
  - 5.2.1. Disponibilidade de recursos humanos
  - 5.2.2. Situação financeira e modelo organizacional
  - 5.2.3. Organologia
  - 5.2.4. Formação musical dos elementos das bandas
  - 5.2.5. Aceitação local
  - 5.2.6. Dados complementares
- 5.3. Bandas civis do concelho de Águeda
  - 5.3.1. Disponibilidade de recursos humanos
  - 5.3.2. Situação financeira e modelo organizacional
  - 5.3.3. Organologia
  - 5.3.4. Formação musical dos elementos das bandas
  - 5.3.5. Aceitação local
  - 5.3.6. Dados complementares
- 5.4. Bandas civis do concelho do Fundão
  - 5.4.1. Disponibilidade de recursos humanos
  - 5.4.2. Situação financeira e modelo organizacional
  - 5.4.3. Organologia
  - 5.4.4. Formação musical dos elementos das bandas
  - 5.4.5. Aceitação local
  - 5.4.6. Dados complementares
- 5.5. Bandas civis do concelho de Oeiras

- 5.5.1. Disponibilidade de recursos humanos
- 5.5.2. Situação financeira e modelo organizacional
- 5.5.3. Organologia
- 5.5.4. Formação musical dos elementos das bandas
- 5.5.5. Aceitação local
- 5.5.6. Dados complementares
- 5.6. Síntese conclusiva

Conclusão

Fontes e Bibliografia

Apêndices

Anexos